

II JORNADA DE PSICOLOGIA HOSPITALAR DO CENTRO-OESTE

Vivências multiprofissionais diante da pandemia do COVID-19

29, 30 e 31 de Julho de 2021.

ISBN Nº: 978-65-89908-60-9

DA POLÍTICA DE HUMANIZAÇÃO ÀS PRÁTICAS DE CUIDADO

II JORNADA DE PSICOLOGIA HOSPITALAR DO CENTRO-OESTE: Vivências multiprofissionais diante da pandemia da COVID-19., 0ª edição, de 29/07/2021 a 31/07/2021

ISBN dos Anais: 978-65-89908-60-9

PROENÇA; Vanessa de Jesus¹

RESUMO

Texto apresentado no último dia da II Jornada de Psicologia Hospitalar do Centro-Oeste: vivências multiprofissionais diante da pandemia do COVID-19. E então, chegamos ao quase fim do evento e me sinto feliz e honrada em poder pensar os meus pensamentos em voz alta com vocês.

Dos caminhos que tenho feito, pensar práticas de cuidado – do paciente, dos profissionais da saúde, do meio em que vivemos – é algo que me captura e por isso pedi a comissão organizadora para falar um pouco sobre isso com vocês.

Para pensarmos as práticas de cuidado em meio a uma pandemia, acho muito importante resgatar a Política de Humanização (PNH) do nosso Sistema Único de Saúde (SUS). Sistema esse que falamos em várias mesas e que direta ou indiretamente estamos ligados a ele. E sim, nós precisamos mais do que nunca cuidar do nosso SUS. Então, o HumanizaSUS – maneira popularmente conhecida de tal política – surge em 2003 com o objetivo de “efetivar os princípios do SUS no cotidiano das práticas de atenção e gestão, qualificando a saúde pública no Brasil e incentivando trocas solidárias entre gestores, trabalhadores e usuários” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Além disso a PNH tem diretrizes e objetivos interessantes que vale a pena dar uma olhada na íntegra da política. Dentre elas, destaco: 1) Redução de filas e do tempo de espera, com ampliação do acesso; 2) Atendimento acolhedor e resolutivo baseado em critérios de risco; 3) Implantação de modelo de atenção com responsabilização e vínculo; 4) Garantia dos direitos dos usuários; 5) Valorização do trabalho na saúde; e 6) Gestão participativa nos serviços (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2015).

Sempre que me deparo com essas premissas me ocorre: por qual razão estamos resgatando questões em torno da humanização 13 anos depois (SUS 1990) da criação do SUS? Por que hoje, 31 anos depois, estamos em um evento acadêmico como este falando sobre essa temática? Essas questões vão ao encontro do que a psicóloga Maria Júlia Kovacs apresenta no seu artigo “A caminho da morte com dignidade no século XXI”: Dentre as principais metas da clínica destacam-se a busca de dignidade, o respeito aos valores da pessoa e a diminuição do sofrimento. O sofrimento só é intolerável quando não é cuidado, levando a processos autodestrutivos. Atualmente, observamos discussão sobre a humanização do atendimento. Trata-se, no mínimo, de paradoxo semântico. Como buscar humanização quando se fala do cuidado a seres humanos? Por que a medicina e demais áreas da saúde perderam a qualidade para tratar do que é humano? O que fundamenta essa discussão é a necessidade de recolocar a pessoa no centro do processo, favorecendo a dignidade e

¹ --, psicologavanessap@gmail.com

autonomia de suas escolhas, o sentido de pertencimento – providências que se tornam ainda mais urgentes quando se trata de pessoas vulneráveis. A humanização envolve solidariedade, compaixão, aproximação e respeito (KOVACS, 2014, p. 97). Complementaria o que apresenta Kovacs (2015) que a humanização e a sua política envolve pensar sobre o cuidado. Em uma busca rápida no Google encontro o seguinte significado para a palavra cuidado no Dicionário *Online* de Português (2009): a) Demonstração de atenção; em que há cautela, prudência: cuidado ao atravessar esta rua!; b) Aplicação e capricho ao realizar algo; zelo, esmero: trabalhava com cuidado; c) Atenção maior em relação a; preocupação: ele necessita de cuidados; d) Dever de arcar com seus próprios comportamentos ou com as ações de outrem; responsabilidade: cuidados médicos; e) [Por Extensão] O que é alvo dessa responsabilidade: eles estão sob seus cuidados. Quando olho para essas definições é muito difícil escapar da imagem que me vem a cabeça dos cuidados iniciais que temos quando chegamos em vida a este planeta. Quando de dentro da barriga de nossas mães, passamos a berrar por um peito para saciar a nossa fome, mesmo que não saibamos muito bem o que é mãe, peito, leite e fome. Então, em maior ou menor grau, fomos cuidados desde o nosso início. Como é no nosso durante e no nosso depois? Me parece que a pandemia coloca em xeque as nossas práticas de cuidado que não são apenas aquelas que fazemos em relação a nós mesmos, com o uso de EPIs, por exemplo. Precisamos nos colocar a pensar de um cuidar coletivo, que possibilite a nós com bem diz Maria Livia Tourinho Moretto (2019), tornar esse acontecimento em experiência. Penso, diante de tudo e tanto que escutamos e compartilhamos ao longo desse evento, bem como ao longo desse um ano e meio de pandemia, que práticas de cuidado e humanização são, antes de tudo, ato político. Embora eu queira escutar o sofrimento daquele sujeito, há direitos básicos que são importantes de serem garantidos: alimentação, emprego e renda, saúde pública, educação, lazer. É preciso no contexto de trabalho e nas relações lembrar de maneira constante que pessoas não são números, códigos e/ou uma determinada doença. Lembrar que quando chego numa instituição de saúde, não estou lidando com inteligências artificiais que devem responder a comandos, sem ousar alterar a voz, afinal, estão ali simplesmente para servir ou serem tratadas sob a minha compreensão de verdade. Será que com essa lógica de vida frenética, da performance e de que tudo tem que ser pra ontem, temos espaço para de fato pensar sobre o que é cuidado? Estamos dispostos e disponíveis a cuidar e, principalmente, nos deixar ser cuidado? A conjuntura na qual estamos inseridos e inseridas permite isso? E daí voltamos ao que disse de Kovacs (2014) parágrafos atrás: talvez seja necessário insistirmos em falar de humanização por mais paradoxal que seja, pois parece que estamos perdendo a condição de nos vermos e entendermos enquanto humanos, imperfeitos e finitos. Gostaria de nos lembrar que neste momento e no que virá nos próximos anos precisamos de um estado democrático e de direito; que nunca esqueça que saúde é dever do Estado e Direito do povo; que uma das práticas de cuidado mais básica é vacina no braço e comida no prato; e que o genocídio das pessoas contaminadas pelo COVID-19, da população negra, dos povos originários e da população LGBTQIAP+ têm responsáveis e que possamos encontrar forças, saúde, coragem e cuidado para estarmos seguirmos! Emicida é um cantor que nos lembra que “a rua é nós” (EMICIDA; CRIOLO, 2016) e que “tudo que nós temos é nós!” (EMICIDA. PASTOR HENRIQUE VIEIRA. PASTORAS DO ROSÁRIO. FABIANNA COZZA, 2019). Espero que nós nos lembremos disso. Este cantor resgata trecho da música “Sujeito de Sorte” de Belchior na

canção AmarElo (EMICIDA; MAJUR; PABLLI VITTAR, 2019). Parafrazeando a canção afirmo: ano passado, nós que estamos aqui, não morremos. Mas, em maior ou menor grau de proximidade, mais de 500 mil dos nossos morreram em decorrência da pandemia e não só. Continuo com o seguinte trecho da música: Presentemente eu posso me Considerar um sujeito de sorte Porque apesar de muito moço Me sinto são, e salvo, e forte E tenho comigo pensado Deus é brasileiro e anda do meu lado E assim já não posso sofrer No ano passado Que não nos esqueçamos das nossas cicatrizes! Do nosso passado e dos nossos que se foram. Mas principalmente, que esse sofrimento possa ser elaborado e que sigamos atentos e fortes! Um abraço esperançoso em cada um e cada uma! Obrigada. **REFERÊNCIAS** CUIDADO. *In*: Dicio - Dicionário Online de Português. 2009. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cuidado/>. Acesso em 31 jul. 2021. EMICIDA. CRIOLO. **A rua é nós**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/4JJXy-ZdTPc>. Acesso em 31 jul. 2021. EMICIDA. MAJUR. PABLLI VITTAR. **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/PTDgP3BDPIU>. Acesso em 31 jul. 2021. EMICIDA. PASTOR HENRIQUE VIEIRA. PASTORAS DO ROSÁRIO. FABIANNA COZZA. **Principia**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/kjggvv0xM8Q>. Acesso em 31 jul. 2021. KOVÁCS, Maria Julia. A caminho da morte com dignidade no século XXI. **Revista Bioética**. 2014, v. 22, n. 1, pp. 94-104. Epub 22 Maio 2014. ISSN 1983-8034. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/QmChHDv9zRZ7CGwncn4SV9j/?lang=pt#ModalArticles>. Acesso em 31 jul. 2021. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política Nacional de Humanização - HumanizaSUS**. Brasília, 22/10/2015. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/acao-informacao/acoes-e-programas/humanizasus>. Acesso em 31 jul. 2021. MORETTO, Maria Livia Tourinho. **Abordagem psicanalítica do sofrimento nas instituições de saúde**. - 1. Ed. - São Paulo: Zagodoni, 2019.

PALAVRAS-CHAVE: HUMANIZAÇÃO, CUIDADO, Pratica